



CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA DE CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUÇÃO: SUBSÍDIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A APREENSÃO DE DINÂMICAS TERRITORIAIS

**Diego Salomão Candido de Oliveira Salvador¹
Eulália Jéssica Medeiros Silva²**

Resumo

Neste artigo, objetivamos refletir teoricamente sobre a teoria dos circuitos espaciais de produção e a integração dessa com a teoria dos circuitos da economia urbana. Consideramos importante o método de conjugar a doutrina dos circuitos espaciais produtivos com a teoria dos circuitos da economia urbana tendo em vista a possibilidade de apreendermos a totalidade de um circuito espacial produtivo – a atividade produtiva dominante (seus principais aspectos técnicos e normativos), os agentes envolvidos no processo de produção (com diferentes objetivos e perspectivas de ação e, destarte, com maior ou menor poder de colocar a produção em movimento), a intensidade e a extensão dos círculos de cooperação no espaço e as relações de trabalho que caracterizam o processo produtivo – assim como os usos

Recebimento: 19/10/2016 • Aceite: 27/4/2017

¹ Doutor em Geografia pela UNICAMP. Professor do Departamento de Geografia do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Caico - RN, Brasil. E-mail: diegosalomao84@hotmail.com

² Estudante do Curso de Licenciatura em Geografia do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Caico - RN, Brasil. E-mail: diegolisse@yahoo.com.br

do território pelos agentes hegemônicos e pelos não hegemônicos da economia urbana desencadeadores do circuito espacial de produção estudado, com atenções para os níveis de capital e de tecnologia e a organização das atividades desenvolvidas pelos referidos agentes e para o destaque de cada circuito da economia urbana nas etapas do circuito espacial produtivo. Assim, desenvolvemos o artigo, inicialmente, com a reflexão teórica objetivada e, após, propomos que a integração das teorias subsidie a investigação da dinâmica territorial do Seridó Potiguar, região que é destacadamente caracterizada pelo circuito espacial de produção de vestimentas e pelas diferentes e desiguais intencionalidades de agentes sociais no desencadeamento desse circuito. Por fim, esperamos contribuir para o estudo da totalidade das ações produtivas que caracterizam diferentes dinâmicas territoriais urbanas.

Palavras-chave: Circuitos espaciais de produção. Circuitos da economia urbana. Dinâmicas territoriais.

THE SPATIAL PRODUCTION CIRCUIT OF THE URBAN ECONOMY CIRCUITS: THEORETICAL-METHODOLOGICAL SUBSIDIES FOR CAPTURING TERRITORIAL DYNAMICS

Abstract

In this article we aim to critically reflect on the theory of spatial production circuits and its integration with the theory of urban economy circuits. We consider the method of combining the doctrine of productive spatial circuits with the theory of urban economy circuits important, bearing in mind the possibility of capturing the complete overview of a production space circuit, its main productive activity (its main technical and regulatory aspects), the agents involved in the

production process (with different goals and perspectives of action, and with more or less power to bring the production into action). In addition, the intensity and extent of the cooperation circles in the space and the labor relations that characterize the production process, as well as the uses of the territory by hegemonic and non-hegemonic actors of the urban economy which triggers the studied space production circuit, with attention to capital levels and technology, and the organization of activities developed by these agents and in order to highlight each circuit of the urban economy in the stages of the productive spatial circuit. Thus, this article was initially developed with an objective theoretical reflection and subsequently, we propose that the integration of the theories subsidize research on the territorial dynamics in the *Seridó Potiguar*, a region that is strongly characterized by the spatial circuit of clothing/garment production and the different and unequal intentions of social actors in triggering this circuit. Finally, we hope to contribute to studying the overall productive actions that characterize different urban territorial dynamics.

Keywords: Spatial production circuits. Urban economy circuits. Territorial dynamics.

CIRCUITOS DE LA ECONOMÍA URBANA DEL CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUCCIÓN: SUBVENCIONES TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA LA APREHENSIÓN DE DINÁMICAS TERRITORIALES

Resumen

En este artículo examinamos teóricamente la teoría de los circuitos espaciales de producción y la integración de ésta con la teoría de los circuitos de la economía urbana. Consideramos importante el método de combinar la doctrina del circuito espacial de producción con la

teoría de circuitos de economía urbana teniendo en cuenta la posibilidad de aprehender la totalidad de un circuito espacial productivo – la actividad productiva dominante (sus principales aspectos técnicos y reglamentarios), los actores involucrados en el proceso de producción (con diferentes objetivos y perspectivas para la acción y, por lo tanto, con mayor o menor poder para poner la producción en movimiento), la intensidad y extensión de los círculos de cooperación en el espacio y las relaciones de trabajo que caracterizan el proceso productivo – así como los usos del territorio por los agentes hegemónicos y no hegemónicos de la economía urbana disparadores del circuito de espacio de producción estudiado, con atención a los niveles de capital y de la tecnología y la organización de las actividades desarrolladas por estos agentes y el punto culminante de cada circuito de la economía urbana en los pasos del circuito espacial productivo. Así, hemos desarrollado el artículo, inicialmente, con la reflexión teórica objetivada y, después, se propone que la integración de las teorías subvencione la investigación de la dinámica territorial del *Seridó Potiguar*, región que se caracteriza en particular por el circuito espacial de producción de prendas de vestir y por diferentes y desiguales intenciones de agentes sociales en el desencadenar de ese circuito. Finalmente, esperamos contribuir al estudio de todas las acciones productivas que caracterizan diferentes dinámicas territoriales.

Palabras clave: Circuitos espaciales de producción. Circuitos de la economía urbana. Dinámicas territoriales.

Introdução

No contexto da proposição de uma Geografia Nova, o geógrafo brasileiro Milton Santos (1978; 2004) desenvolveu estudos econômicos e políticos sobre o espaço geográfico, alicerçado em contribuições da Geografia Clássica, no materialismo histórico e no existencialismo. Dentre tais estudos, destacamos a teoria dos circuitos espaciais de produção (BARRIOS, 1976; MORAES, 1985; SANTOS, 1986) e a teoria dos circuitos da economia urbana (SANTOS, 1978a), tendo em vista a profundidade teórico-metodológica dessas teorias e a sua pertinência para o entendimento das dinâmicas territoriais dos países subdesenvolvidos.

A teoria dos circuitos espaciais de produção pode ser compreendida como uma análise das condições gerais da produção pela instância do espaço. Atentar para circuitos espaciais produtivos que caracterizam determinadas dinâmicas territoriais significa não setorializar a economia, mas apreender as etapas do processo produtivo pela dinâmica do espaço e as implicações sociais, econômicas, políticas e territoriais desse processo. Outrossim, tal perspectiva de exame possibilita a explicação da competitividade como sendo um importante fundamento da hegemônica divisão territorial do trabalho e um atributo da forma e do conteúdo do espaço na atualidade.

Já a teoria dos circuitos da economia urbana é apresentada como uma doutrina do desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos em sua dimensão espacial. Essa teoria proporciona que a cidade não seja entendida como uma estrutura uniforme, mas como um sistema urbano segmentado em dois subsistemas econômicos coexistentes por meio de relações de concorrência, complementaridade e subordinação: o circuito superior ou hegemônico e o circuito inferior ou não hegemônico.

A teoria dos circuitos espaciais de produção enfoca o ramo econômico, dando conta, pela instância espacial, das etapas do processo de produção e dos agentes nele envolvidos. Já a teoria dos circuitos da economia urbana prioriza os agentes sociais hegemônicos e os não hegemônicos desencadeadores de diferentes atividades econômicas que caracterizam as dinâmicas das cidades dos países subdesenvolvidos.

Destarte, para apreendermos as etapas da totalidade de uma determinada produção, os agentes envolvidos no processo produtivo e os usos do território pelos agentes hegemônicos e pelos não hegemônicos da economia urbana desencadeadores do circuito espacial de produção estudado, é pertinente conjugar a doutrina

dos circuitos espaciais produtivos com a teoria dos circuitos da economia urbana. Assim, acreditamos ser possível desvendar a totalidade da dinâmica econômica do espaço no contexto da divisão territorial do trabalho na escala da formação socioespacial ou até mesmo na escala do mundo.

Diante disso, neste artigo, nosso objetivo é refletir teoricamente sobre a teoria dos circuitos espaciais de produção e a integração dessa com a teoria dos circuitos da economia urbana. Fazemos essa reflexão com o sentido de subsidiar a apreensão de dinâmicas territoriais por meio da compreensão da totalidade de processos espaciais produtivos e da análise de diferentes e desiguais usos do território por parte de agentes sociais envolvidos nesses processos.

Desenvolvemos o artigo, inicialmente, com a reflexão teórica objetivada e, após, propomos que a integração das teorias subsidie a investigação da dinâmica territorial do Seridó Potiguar, região que é destacadamente caracterizada pelo circuito espacial de produção de vestimentas e pelas diferentes e desiguais intencionalidades de agentes sociais no desencadeamento desse circuito.

Reflexões sobre a teoria dos circuitos espaciais de produção e a integração desta com a teoria dos circuitos da economia urbana

O conceito de circuito espacial produtivo tem nas ideias de Marx ([1859] 1977) um importante lastro. Ao teorizar sobre as condições gerais de produção, ele nos ensina que a produção, a circulação, a troca e o consumo são elementos de uma mesma totalidade, diferenciados no interior de uma unidade ou no decorrer de um processo. A produção só existe com a previsão do consumo, e este depende daquela; em outras palavras, a produção sem consumo não tem razão de ser e este não seria possível sem aquela. Com o mesmo sentido, a distribuição caracteriza-se como um momento da produção.

Ao atribuir um sentido geográfico a essas ideias de Marx (1859; 1977), Moraes (1985) entende que o desenvolvimento conectado dessas etapas produtivas torna premente a circulação, compreendida por ele como um circuito econômico. Assim, a ocorrência da circulação é concatenada com a instância espacial, por meio da qual se congrega a totalidade da combinação de trabalhos parciais com a coesão da especialização territorial do trabalho.

Os fatos de a cooperação ser um atributo da divisão territorial do trabalho e de isso possibilitar que a produção seja executada pela combinação de trabalhos parciais fundamentam a teoria dos circuitos

espaciais produtivos, a qual se apresenta como uma perspectiva geográfica de apreensão da dinâmica de ramos econômicos, tendo como variáveis-chave de análise os fixos, os fluxos e a política. Concordando com Silva (2011), asseveramos ser pertinente compreender as condições gerais de produção pela instância espacial, devido ao fato de a produção, a distribuição, o comércio e o consumo terem como condicionante a repartição dos fixos, além de estes determinarem a direção e a intensidade dos fluxos.

Silva (2011, p. 04) também nos ajuda a destacar a importância da variável política para a circularidade da produção, salientando que as ações do Estado “[...] condicionam as atividades produtivas, ou seja, condicionam a acomodação das diversas etapas do circuito espacial de produção [...]. Daí o circuito espacial de produção ser um tratamento conceitual à divisão territorial do trabalho em uma perspectiva multiescalar”.

O condicionamento das atividades produtivas pelas ações do Estado se explica quando pensamos que a distribuição dessas atividades depende das características materiais e funcionais dos espaços, as quais não se limitam apenas aos atributos naturais. Os investimentos em capital fixo no território e a determinação de normas para a exploração desse capital são também fatores constitutivos da materialidade e da funcionalidade espacial e é juntamente por meio da política que se produzem sistemas de engenharia e normas para o uso do capital.

Dizemos ser pertinente compreender as condições gerais de produção fundamentando-se na instância espacial também porque a competitividade, além de ser um importante fundamento da hegemônica divisão territorial do trabalho, é um atributo do espaço, tendo na articulação entre as formas materiais e as normas políticas uma importante dimensão. Aliás, Castillo e Frederico (2010, p. 468) entendem que essa nova dimensão da competitividade garante elevados níveis de produtividade do trabalho e de fluidez da mercadoria, alicerçando, outrossim, a ideia de circuito espacial produtivo. Com esse entendimento, definem os objetivos teórico-metodológicos da ideia, a saber: “1) compreender o uso do território por meio da dinâmica dos fluxos, acentuada no atual período histórico; 2) identificar a situação dos lugares em relação à divisão territorial do trabalho na escala nacional, em um dado momento [...]; [e] 3) apreender o embate estabelecido entre uma lógica dos territórios e uma lógica das redes”.

A ideia de circuito espacial de produção tem sua gênese no projeto “Metodologia para o Diagnóstico Regional (MORVEN)”,

desenvolvido pelo Centro de Estudios del Desarrollo (CENDES), da Universidade Central da Venezuela, na década de 1970. Barrios (1976), uma das autoras do projeto, esclarece que os circuitos de produção e acumulação são constituídos por uma atividade produtiva principal e estruturados pela multiplicidade de fases correspondentes ao processo de transformação do produto principal, cuja culminância é o consumo final. Santos (1986), outro autor do MORVEN, destaca o principal objetivo do projeto, que foi analisar a segmentação da economia e a ação dos diferentes agentes produtivos no espaço dos países subdesenvolvidos, e ressalta que o circuito espacial de produção sintetiza “ramos” e “firmas”, clarificando os usos do território por ramos produtivos e por agentes sociais, hegemônicos ou não. Assim, a aplicação desse conceito pode levar-nos a apreender a situação de cada subespaço no contexto da divisão territorial do trabalho na escala da formação socioespacial ou até mesmo na escala do mundo.

Nos dias atuais, o conceito de circuito espacial de produção continua a ser importante dos pontos de vista teórico e operacional, pois dá conta de analisar a dinâmica econômico-territorial de acordo com características do estágio presente da globalização: aprofundamento da divisão territorial do trabalho, dispersão geográfica da produção e da troca, racionalidade presidindo o movimento das mercadorias e especialização territorial e regional produtiva de acordo com essa racionalidade. Ao elencar tais características e relacioná-las com a importância do conceito de circuito espacial produtivo articulado ao conceito de círculos de cooperação no espaço, Castillo e Frederico (2010, p. 462) afirmam que a circulação é, cada vez mais, uma prioridade e uma atuação estratégica de estados e empresas e, nesse contexto, o conceito em questão torna-se premente “[...] para o entendimento da organização, da regulação e do uso dos territórios”.

Uma definição atual de circuito espacial produtivo é a de que esse circuito é constituído pelos fluxos materiais (equipamentos, objetos, mercadorias e agentes sociais) e pelos fluxos imateriais (informações e normas consubstanciadas nas transferências de capitais), realizados em um processo circulatório e articulado no espaço. Com essa definição, podemos asseverar, juntamente com Castillo e Frederico (2010) e Silva (2014), que o conceito de circuito espacial de produção dá ênfase à centralidade da circulação no processo produtivo, à condição do espaço para a reprodução da sociedade e do capital bem como ao enfoque geográfico da dinâmica econômica centrado em ramos de produção, e não em setorizações da economia.

Por envolver fluxos materiais e fluxos imateriais e por possuir sempre uma “perspectiva transescalar” (FREDERICO, 2014, p. 42), o conceito de circuito espacial de produção se correlaciona com o de círculos de cooperação no espaço. Esses círculos são elementos fundamentais para a existência dos circuitos espaciais produtivos (ANTAS JÚNIOR, 2015), pois regulam o processo produtivo e articulam etapas da produção espacialmente separadas, sendo, desse modo, estratégias que integram diretamente a reprodução do capital. Destarte, definimos os círculos de cooperação no espaço de acordo com Botelho (2010, p. 51), quando diz que tais círculos “constituem a orientação técnica que vem pelas empresas e instituições, as informações e ordens repassadas, sobretudo, pelas grandes [empresas] [...], o financiamento emitido pelos grandes agentes financeiros e a orientação [...] das políticas governamentais”. Assim, são mecanismos que influenciam de modo nevrálgico a configuração do circuito espacial produtivo e a organização territorial.

Se nos propusermos a compreender a totalidade de um circuito produtivo existente em uma dada região, não objetivaremos analisar meramente um “circuito regional de produção”, mas um “circuito espacial produtivo”, o que significa que nossas análises não se limitaram a uma região. Com esse destaque teórico-metodológico, sublinhamos que a ideia de circuito espacial de produção é mais ampla, em termos de escala geográfica, do que a de circuito regional de produção. Desse modo, asseveramos que aquele conceito é mais pertinente à compreensão da dinâmica econômico-territorial no período atual, tendo em vista que as divisões territoriais do trabalho estão cada vez mais integradas por meio de círculos de cooperação no espaço, possibilitando dispersão da produção e concentração de vantagens e/ou lucros.

Nesse sentido, ao aplicar o conceito de circuito espacial de produção a um ramo econômico existente em uma região, podemos apreender a especialização produtiva dessa região no que se refere ao citado ramo, assim como a densidade, a extensão e a frequência dos fluxos que caracterizam o processo produtivo estudado, o qual, certamente, não será limitado meramente ao contexto regional em destaque, em termos de fluxos materiais e imateriais.

Também é importante explicar por que propugnamos o estudo do “circuito espacial produtivo”, e não da “cadeia produtiva”, uma vez que alguns estudiosos confundem esses conceitos ou os consideram sinônimos.

Os referidos conceitos têm semelhanças, como “o reconhecimento da importância da informação e de suas tecnologias

como elementos de unificação entre as diversas etapas produtivas [...]” (CASTILLO; FREDERICO, 2010, p. 467), mas também têm diferenças, no que se refere a seus objetivos e focos de análise. A ideia da cadeia produtiva passa a ser amplamente utilizada e difundida a partir dos anos de 1970, com o destaque da acumulação flexível de capital e a adoção da competitividade como um importante fundamento dessa estratégia para combater a “rigidez” do regime de acumulação capitalista que predominou da Revolução Industrial (século XVIII) até o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (DIAS, 2012). Calcada nas proposições economicistas de estudiosos, como Porter (1989, 1999), o conceito de cadeia produtiva é atrelado à amplificação da demanda pela organização das atividades empresariais, permitindo, conforme Castillo e Frederico (2010, p. 466), “[...] uma visão sistêmica, ao invés de fragmentada, das diversas etapas pelas quais passa um produto, antes de alcançar o consumidor final; [e a identificação de] gargalos que comprometam a integração dos diversos segmentos, garantindo ou promovendo a competitividade”.

Ainda segundo Castillo e Frederico (2010, p. 462), na abordagem da cadeia produtiva o foco de análise é a empresa e o seu sucesso no contexto da competitividade. Nesse sentido, o espaço e a região são considerados como “ambientes externos” do processo produtivo, os quais podem afetar positiva ou negativamente seu desenvolvimento. Ao contrário, a perspectiva do circuito espacial produtivo foca o espaço geográfico, e não a empresa, além de não objetivar a identificação de dificuldades que interfiram na integração funcional e competitiva de empresas e produtos; o objetivo passa a ser a análise crítica das consequências socioespaciais do uso de territórios ou de regiões conforme os ditames da competitividade bem como a reflexão sobre a condição da instância espacial para a localização de atividades econômicas e a dinâmica de fluxos. Sendo assim, é mister não confundir essas diferentes perspectivas de análise do processo produtivo, tendo em vista que tal confusão pode inibir o “[...] desenvolvimento mais pleno da abordagem geográfica da unidade entre produção, circulação, troca e consumo”.

Do mesmo modo, não se deve associar a perspectiva dos circuitos espaciais produtivos à da setorização da economia. Quando se estudam os referidos circuitos, não se está atentando para os setores da economia, mas para a totalidade do desenvolvimento do processo produtivo relacionado a um ou mais ramos da economia. Tal totalidade se caracteriza pela relação entre atividades produtivas, distributivas e comerciais bem como pela ação de diferentes segmentos sociais consumirem o produto final em variadas atividades comerciais, no que

tange a níveis de capital e usos de tecnologias e a formas de organização. Assim, não há limitação quanto à compartimentação da economia em setores, como também não se devem almejar “conhecer” esses setores, mas analisar as etapas do processo produtivo pela dinâmica do espaço e as implicações sociais, econômicas, políticas e territoriais desse processo. Com esse entendimento, discordamos de Elias (2003, p. 140) quando afirma que aprofundar a análise sobre os circuitos espaciais de produção é “conhecer os setores da economia, visto que abrange desde o setor primário, que produz a matéria-prima a ser processada, até as atividades terciárias que dá (sic) novos sentidos e novas funções”.

Ao seguir essas reflexões teóricas sobre a teoria dos circuitos espaciais de produção, podemos executar pesquisas para nos dedicarmos à compreensão de processos espaciais produtivos localizados em diferentes escalas geográficas, sabendo que essas atividades de investigação nos possibilitarão a compreensão da totalidade do processo produtivo, com a identificação dos agentes envolvidos nesse complexo social, econômico e territorial; da importância da circulação para o desenvolvimento de circuitos espaciais de produção e para a diferenciação geográfica no âmbito de um determinado contexto territorial; da especialização dos subespaços que constituem o contexto geográfico estudado e da banalização do consumo moderno, de acordo com o desenvolvimento do circuito espacial produtivo analisado; da dinâmica do espaço urbano, de acordo com a perspectiva dos circuitos espaciais produtivos, isto é, considerando a cidade como resultado da intersecção entre os diferentes circuitos produtivos e seus círculos de cooperação e também como um espaço que condiciona o desenvolvimento de circuitos produtivos e que é condicionado por esses; da reestruturação urbana e das relações entre as cidades por meio das mudanças em processos produtivos; da modificação das funções econômica, social e política de cidades locais e de centros regionais do interior caracterizados por etapas de circuitos espaciais produtivos; da importância de grandes empresas na gestão de territórios; e da alienação e vulnerabilidade de territórios pelo desenvolvimento de circuitos espaciais produtivos comandados por grandes empresas.

Entretanto, nosso intento pode ser mais arrojado do que simplesmente apreender um circuito espacial produtivo; é importante compreendermos as relações entre os circuitos da economia urbana (SANTOS, 1978a) no âmbito de circuitos espaciais de produção, pois, inspirados nas concepções de Arroyo (2008), pensamos que as cidades são caracterizadas pela justaposição desses dois tipos de análise: a dos

circuitos espaciais produtivos e a dos circuitos da economia urbana. Para nós, levarmos em consideração essa justaposição é uma possibilidade de entendermos a complexidade da dinâmica do espaço urbano.

Ao retomar pela base a teoria econômico-espacial das nações subdesenvolvidas, considerando as contribuições das concepções dualistas sobre a economia urbana dessas formações socioespaciais, mas avançando na apreensão da dinâmica dessa economia, Santos (1978a) propôs uma doutrina do desenvolvimento econômico em sua dimensão espacial: a teoria dos circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.

De acordo com a compreensão de que a pobreza é relativa, sem ser estudada homogeneamente ou segundo modelos analíticos que não se aplicam à interpretação de determinadas realidades e de que os pobres não são marginais econômica e politicamente, mas explorados do ponto de vista econômico e oprimidos do político, Santos (1970) começou a formular a teoria dos circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos pelo estudo das relações interurbanas em países de diferentes continentes do mundo. Em suas reflexões, chegou à consideração de que a cidade não é uma estrutura uniforme, mas um sistema urbano segmentado em dois subsistemas econômicos: o circuito superior e o circuito inferior. Ele assevera que esses subsistemas não existem separados, somente coexistem e, desse modo, devem ser estudados de maneira interdependente, em variadas escalas geográficas: mundo, país, região, cidade (SANTOS, 1978a, 1978b).

O circuito superior da economia urbana é definido por atividades de organização burocrática, considerável nível tecnológico e forte necessidade de capital para seu desenvolvimento, como bancos, indústria, comércio e serviços modernos, e atacadistas. Tais atividades têm ampla escala de atuação, relacionando-se com os âmbitos regional, nacional e até mesmo global. Já o circuito inferior é integrado por atividades de organização criativa e pouco ou nada burocrática, de tecnologia utilizada em nível inferior ao que ocorre naquele circuito e de menor necessidade de capital para o funcionamento, sendo, em contrapartida, imprescindível a intensidade de trabalho. É o caso das pequenas produções de alimentos, do pequeno comércio e dos serviços diversos fornecidos a varejo. As atividades não hegemônicas vêm, ultimamente, expandindo sua escala de atuação, contudo as relações com o lugar continuam importantes.

Os circuitos da economia urbana são decorrentes da modernização econômica, assim como têm suas características relacionais e absolutas conectadas a esse processo. O subsistema

superior é resultado direto da modernização, que, por sua seletividade territorial e desigualdade socioeconômica, tem como efeito indireto o subsistema inferior, fato que torna complexas as implicações do processo modernizador na organização do espaço.

Ao destacar que ambos os circuitos decorrem do mesmo processo e coexistem no sistema urbano, Santos (1978a) fundamenta sua teoria na oposição dialética entre os subsistemas da economia urbana dos países subdesenvolvidos, tendo em vista que o funcionamento das atividades não hegemônicas ocorre de maneira complementar com atividades do circuito superior, bem como esse circuito subordina o subsistema inferior pela dominação da macroestrutura da economia e do território.

Foi ao pensar na segmentação da economia urbana dos referidos países que Santos optou por chamar os subsistemas econômicos de “circuitos”, valorizando, assim, suas relações e a totalidade da estrutura econômica da cidade.

Conforme já destacamos, a teoria dos circuitos espaciais de produção enfoca o ramo econômico, dando conta, pela instância espacial, das etapas do processo de produção e dos agentes nele envolvidos. Já a teoria dos circuitos da economia urbana prioriza os agentes sociais hegemônicos e os não hegemônicos desencadeadores de diferentes atividades, em termos de nível tecnológico, de capital e de organização – burocrática ou criativa –, não havendo preocupação com o ramo econômico, sendo que as atividades do circuito superior e do circuito inferior envolvem diversos produtos, correspondentes a vários ramos econômicos.

Ao articular essas duas teorias, podemos estudar os circuitos da economia urbana por ramo de atividade produtiva, o que nos possibilitará o entendimento das relações técnicas, econômicas e sociais entre as diversas atividades e os diferentes agentes econômicos, que desempenham suas ações pela circularidade em variadas escalas geográficas. Além disso, segundo Castillo e Frederico (2010, p. 463), essa conjunção de teorias é extremamente salutar devido ao fato de elas serem complementares, “[...] uma vez que tanto o circuito inferior quanto o superior fazem parte de circuitos espaciais produtivos de tamanho e características técnicas e organizacionais distintas”.

Outrossim, unindo as referidas teorias podemos analisar, pela divisão do trabalho entre os circuitos da economia urbana, o papel preponderante desses circuitos no desenvolvimento do circuito espacial produtivo (SILVA, 2011). Por exemplo, no caso do circuito espacial da produção de vestimentas localizado no Seridó Potiguar,

acreditamos que o circuito superior seja constituído por grandes empresas de produção, distribuição e comercialização, com nível elevado de tecnologia e de capital e com organização burocrática, e que o circuito inferior seja formado por pequenas oficinas de costura, pequenos distribuidores e comerciantes, com baixo nível tecnológico e de capital e com organização mais criativa do que burocrática. Parece-nos que os agentes do circuito superior controlam o processo produtivo, dominando as atividades de concepção das vestimentas, a publicidade, que impulsiona a banalização do consumo e a comercialização do produto final em estabelecimentos comerciais de prestígio. Intuímos que tais agentes também dominam ou determinam a distribuição das vestimentas produzidas, por meio do transporte das roupas em caminhões preparados para essa finalidade ou pela normatização do transporte realizado por agentes do circuito inferior da economia urbana. Percebemos que os agentes do circuito inferior ficam responsáveis pela execução da produção de vestimentas, em pequenas unidades fabris terceirizadas por agentes do circuito superior; aqueles agentes também distribuem roupas em variadas escalas geográficas e para múltiplas atividades comerciais e desencadeiam essas atividades, muitas das quais abastecidas por representantes de empresas do circuito superior.

A divisão do trabalho entre os circuitos da economia, no âmbito do circuito espacial produtivo, revela que o circuito superior e o inferior coexistem no processo produtivo e no espaço urbano, funcionando, via solidariedade organizacional, de maneira complementar, e não dicotômica. Essa coexistência – calcada em relações de complementaridade, de concorrência e de subordinação do circuito inferior ao superior – expressa os nexos do circuito espacial da produção na atualidade (SILVA, 2011), oportunizando-nos a compreensão da segmentação da economia urbana pelo fracionamento do processo produtivo.

Proposta de estudo dos circuitos da economia urbana do circuito espacial de produção de vestimentas no Seridó Potiguar

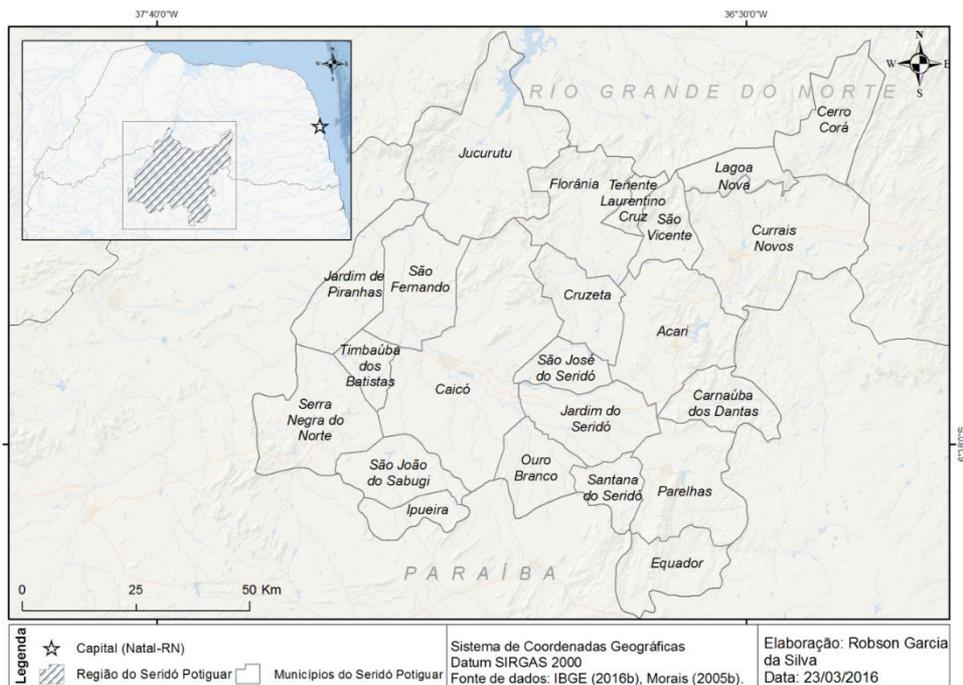
De acordo com a perspectiva teórica de conectar a teoria dos circuitos espaciais de produção com a dos circuitos da economia urbana, propomos estudar as relações entre os circuitos da economia

urbana no âmbito do circuito espacial de produção de vestimentas no Seridó Potiguar³. A opção por estudar esse circuito produtivo na referida região se deve ao fato de as atividades produtivas têxteis se destacarem nas dinâmicas social, econômica e territorial do Seridó Norte-rio-grandense.

Conforme Moraes (2005a, p. 02), “o Seridó localiza-se na porção centro-meridional do Rio Grande do Norte, abrangendo uma superfície de 9.122,789 km², ou seja, 17,27% do total da superfície do estado. Sua cartografia regional, historicamente construída, atualmente comporta os territórios dos 23 municípios [mapa 1] que, direta ou indiretamente, desmembraram-se de Caicó, primeira municipalidade a se constituir nestas plagas”. De acordo com dados do IBGE/SIDRA (2016a), referentes ao censo demográfico de 2010, o Seridó Potiguar é constituído por, aproximadamente, 279.492 habitantes, o que equivale a 8,82% da população do estado. Do total da população seridoense, 77,6% residem na cidade e 22,4% no campo. Os centros urbanos com maior demografia e maior densidade funcional são Caicó e Currais Novos, respectivamente. Outra particularidade do Seridó Potiguar é ser caracterizado por muitos centros locais com demografia bastante reduzida – 14 dos 23 municípios da região têm menos de 10.000 habitantes, e há seis municípios com menos de 5.000 habitantes.

³ No presente momento desenvolvemos pesquisa sobre os circuitos da economia urbana do circuito espacial da produção de vestimentas existente no Seridó Potiguar, com a aprovação e o financiamento da Pró-reitoria de Pesquisa (PROGESP) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). No estágio atual da pesquisa, estamos realizando investigação de campo nos municípios do Seridó Potiguar, com visitas técnicas a unidades produtivas de vestimentas terceirizadas por grandes empresas brasileiras do ramo têxtil. Por isso, neste artigo, não temos como apresentar dados primários dessa pesquisa, mas uma proposta teórico-metodológica que subsidia a nossa pesquisa e que, a nosso ver, pode servir também para a análise de outras dinâmicas territoriais dos países subdesenvolvidos.

Mapa 1: Seridó Potiguar



Fonte de dados: Morais (2005b, p. 272).

Dados do MTE/RAIS (2014) mostram que, entre 1985 e 2012, as atividades que se destacaram na geração de empregos no Seridó Potiguar foram a têxtil, a extrativa mineral e a de produção de alimentos e bebidas. Em 1985, as que mais vinculavam empregados eram a indústria têxtil de vestuário e artefatos de tecido, a de produtos alimentícios e bebidas e a extrativa mineral (com destaque para a mineração em Currais Novos). Em 1990, apesar da diminuição do número de empregos em relação a 1985, a indústria têxtil permanecia sendo a que mais empregava, seguida pela de alimentos e bebidas. Nesse ano, houve forte queda do número de empregos gerados pela indústria extrativa mineral, sobretudo devido ao fraco desempenho da mineração em Currais Novos.

Em 2000, a indústria têxtil prosseguia sendo a responsável pelo maior número de vínculos empregatícios dentre as atividades produtivas, sendo seguida pela produção de minerais não metálicos e pela indústria extrativa mineral (estas duas últimas atividades calcadas, desde então, sobretudo na produção de cerâmicas vermelhas

a partir da extração da argila). Em 2012, a indústria têxtil manteve-se como a responsável pela maior vinculação empregatícia no Seridó Potiguar, seguida pela extrativa mineral e pela de minerais não metálicos (MTE/RAIS, 2014).

O circuito espacial da indústria têxtil se faz presente na quase totalidade do território potiguar, com exceção apenas das regiões do Litoral Norte, do Vale do Açu e do Médio Oeste (SEPLAN/Perfil do Rio Grande do Norte, 2014). Além disso, essa atividade produtiva participa do comércio exterior, destacando-se nos fluxos internacionais de mercadorias, tanto pela exportação de tecidos de algodão e de poliéster e de roupas de cama quanto pela importação de matérias-primas (tecidos e fios de algodão e sintéticos) e de bens de capital (máquinas e equipamentos têxteis) (FIERN/Dados estatísticos sobre comércio exterior, 2015).

Apesar de caracterizar várias regiões do Rio Grande do Norte, o maior destaque da indústria têxtil, na quantidade de estabelecimentos produtivos, de mercadorias produzidas e de pessoal empregado ou ocupado, está em cidades da Região Metropolitana de Natal (RMN) e do Seridó Potiguar, como Parnamirim e Macaíba (cidades da RMN) e Caicó e São José do Seridó (cidades seridoenses).

Nas cidades da RMN, a particularidade do circuito produtivo é a densa localização de grandes empresas do referido ramo econômico, como Guararapes, Coteminas, Hering, Vicunha, Coats. Já nas cidades seridoenses, destaca-se a presença de inúmeras bonelarias, que atendem a demandas dos mercados estadual e nacional, inclusive de marcas famosas, que as contratam para a fabricação de boné sem a marca.

As cidades seridoenses também são particularizadas pela presença de pequenas unidades fabris, muitas das quais residenciais, que produzem redes de dormir, panos de prato e roupas de cama, assim como por pequenas unidades de montagem de vestimentas. Essas unidades produtivas são terceirizadas por grandes empresas, como a Hering e a Guararapes - Riachuelo, onde são montadas vestimentas de acordo com as determinações dessas empresas.

A dinâmica econômica atual de cidades locais seridoenses é veementemente marcada pela existência dessas pequenas unidades produtivas. Muitos trabalhadores, residentes nas cidades onde elas estão localizadas ou em cidades próximas, são empregados ou ocupados, conseguindo, desse modo, sobreviver sem a necessidade de desenvolver uma atividade por conta própria. Contudo, vale também frisar que tais unidades produtivas representam um elemento estratégico central de grandes empresas ou indústrias têxteis, cujo

objetivo macro é reduzir os custos com a produção e aumentar a produtividade dos trabalhadores. As grandes empresas ou indústrias têxteis, antes de procurarem uma cidade local para terceirizar sua produção, fazem contato com as autoridades políticas locais para que lhes possibilitem as melhores condições disponíveis de uso vantajoso do território selecionado. Assim, por meio das pequenas unidades produtivas têxteis, são subcontratados trabalhadores, com baixos níveis de remuneração e sem acesso a direitos trabalhistas. Fazendo isso, tais empresas ou indústrias garantem seus lucros, resguardam sua marca e contribuem para a precarização do trabalho em escala nacional (ANTUNES, 2006), tendo em vista que essa situação não se limita ao contexto potiguar.

O realce, na dinâmica urbana do Seridó Potiguar, das pequenas unidades produtivas de vestimentas relacionadas a grandes empresas nos motiva a estudar não só a totalidade do processo produtivo de vestimentas nessa região, mas também as relações entre os circuitos da economia urbana no âmbito desse circuito espacial de produção, o que nos possibilitará apreender as fases do referido circuito produtivo bem como os agentes envolvidos nele com diferentes intencionalidades e desempenhando atividades econômicas desiguais no que tange aos níveis de tecnologia, capital e organização.

A integração entre a teoria dos “circuitos espaciais de produção” (BARRIOS, 1976; MORAES, 1985; SANTOS, 1986) e a dos “circuitos da economia urbana” (SANTOS, 1978a) confere importância teórico-metodológica à ação investigativa que propomos, tendo em vista que essa integração pode nos levar ao desvendamento da totalidade do processo de produção, distribuição, comercialização e consumo das mercadorias em questão como também permitir a análise do mercado de trabalho vinculado ao referido circuito produtivo e a compreensão dos usos do território pelos agentes desencadeadores desse circuito.

Considerações finais

Consideramos importante o método de conjugar a doutrina dos circuitos espaciais produtivos com a teoria dos circuitos da economia urbana, tendo em vista a possibilidade de apreendermos os seguintes aspectos de um circuito espacial produtivo: a atividade produtiva dominante (seus principais aspectos técnicos e normativos), os agentes envolvidos no processo de produção (com diferentes objetivos e perspectivas de ação e, destarte, com maior ou menor poder de colocar a produção em movimento), a intensidade e a extensão dos círculos de

cooperação no espaço e as relações de trabalho que caracterizam o processo produtivo.

Além disso, tal conjunção de teorias possibilita a análise dos usos do território pelos agentes hegemônicos e pelos não hegemônicos da economia urbana desencadeadores do circuito espacial de produção estudado, com atenções para os níveis de capital e de tecnologia e a organização das atividades desenvolvidas pelos referidos agentes e para o destaque de cada circuito da economia urbana nas etapas do circuito espacial produtivo.

Com tais considerações, esperamos contribuir para o estudo da totalidade das ações produtivas que caracterizam diferentes dinâmicas territoriais, o que, a nosso ver, possibilita, de modo geral, a compreensão das relações dos circuitos da economia urbana de circuitos espaciais produtivos e, de modo específico, a apreensão da organização interna de cidades e a posição destas no âmbito de redes de relações urbanas.

Referências

ANTAS JÚNIOR, Ricardo Mendes. Complexos industriais, circuitos espaciais produtivos e direito reflexivo. In: XVI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional: Espaço, Planejamento e Insurgências. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2015.

ANTUNES, Ricardo. A era da informatização e a época da informalização: riqueza e miséria do trabalho no Brasil. In: **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 15-35.

ARROYO, Mônica. A economia invisível dos pequenos. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Publicado em: 04 out. 2008. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?i d=2 83>>. Acesso em: 01 mar. 2016.

BARRIOS, Sonia. Dinámica social y espacio. **Centro de Estudios del Desarrollo (CENDES)**, Caracas, Universidad Central de Venezuela, 1976.

BOTELHO, Raimundo Edson Pinto. **O circuito espacial de produção e os círculos de cooperação da soja no Maranhão no período técnico-científico-informacional**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

CASTILLO, Ricardo. ; FREDERICO, Samuel. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito

espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22 (3), p. 461-474, dez. 2010.

DIAS, Hugo. Acumulação flexível e impactos no mundo do trabalho. **Vírus**, Revista política e de ideias, n. 01, II série, jun. 2012.

ELIAS, Denise. Agricultura científica no Brasil: impactos territoriais e sociais. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. (Org.). **O território brasileiro: usos e abusos**. Campinas: Territorial, 2003. p. 315-340.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (FIERN). **Dados estatísticos: comércio exterior**, 2014. Disponível em: <http://www.fiern.org.br/index.php/cent_ro-internacional-de-negocios/dados-estatisticos-comercio-exterior>. Acesso em: 18 mar. 2015.

FREDERICO, Samuel. Circuito espacial produtivo do café e o jogo de escalas. **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 37-48, jan./abr. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA): Território**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/territorio/default.asp?z=t&o=4&i=P>>. Acesso em 19 de março de 2016a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Geociências**. Disponível em: <http://downloads.ibge.gov.br/downloads_geociencias.htm> Acesso em 23 de março de 2016b.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, [1859] 1977.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (MTE). **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS): acesso online às bases de dados**. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgc_aged/login.php>. Acesso em: 26 dez. 2014.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. Los circuitos espaciales de la producción y los círculos de cooperación en el espacio. In: YANES, Luis. ; LIBERALI, Ana María. (Org.) **Aportes para el estudio del espacio socio-economico**. Buenos Aires: El Coloquio, 1985. p. 153-177.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Seridó norte-rio-grandense: reestruturação e planejamento regional. In: XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. **Anais...** Salvador: UFBA/ANPUR, 2005a.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó norte-rio-grandense: uma geografia da resistência**. Caicó: Edição do autor, 2005b.

PORTER, Michael Eugene. **A vantagem competitiva das nações**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

PORTER, Michael Eugene. **Competição: estratégias competitivas essenciais**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Francisco Alves, 1978a.

SANTOS, Milton. **Pobreza urbana**. São Paulo, Recife: Hucitec, UFPE, Comissão Nacional de Regiões Metropolitanas e Política Urbana, 1978b.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [1978] 2004.

SANTOS, Milton. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SANTOS, Milton. (Org.) **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. p. 121-134.

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E DAS FINANÇAS (SEPLAN). **Perfil do Rio Grande do Norte**. Disponível em: <www.seplan.rn.gov.br/arquivos/download/PERFIL%20DO%20RN.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2014.

SILVA, Magda Valeria. Apontamentos teórico-metodológicos para o conceito geográfico “circuito espacial da produção”: estudo de casos em Goiás – Mitsubishi em Catalão e Complem em Morrinhos. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 34, n. 1, p. 73-91, jan./abr. 2014.

SILVA, Silvana Cristina da. Circuito espacial de produção de confecções: nexos entre o circuito superior e inferior. **Revista Geográfica de América Central**, número especial EGAL, II semestre, p. 01-12, 2011.